



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Cembo, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talhata - Lisboa. * Telefone

Oficinas de impressão : Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Efeitos da entrega dos alemães

Teria sido facilíssimo aos governos aliados terem conseguido a entrega dos funcionários civis e militares alemães que haviam violado as chamadas leis da guerra. Era bastado reclamá-los não em Janeiro de 1920, mas em Fevereiro de 1918, por ocasião do armistício. Nesta ocasião o antigo governo alemão tinha desaparecido; o novo, em formação ainda, não estava solidamente assente na totalidade da população, faziam-se sentir movimentos convulsivos, em diversos pontos. Nada se apresentava estável. Nada estava em via de estabilização. Pelo contrário, tudo estava em movimento. Desenvolvia-se um processo de desintegração. Os homens, fatigados da guerra, com todas as suas matanças, tinham a consciência de que haviam sido enganados, ludibriados. O seu estado de alma era revolucionário. Os chefes eram os inimigos. Nada teria sido, portanto, mais simples que obter destes revoltados a entrega dos Hindenburgs, dos Ludendorff e outros Ruprecht de Wittenbach. Tê-lo-i-am feito nesta ocasião, não só com dificuldade, mas até com alegria. Seriam inimigos que se entregavam a seus amigos.

Os governantes aliados encarregaram os seus militares profissionais de estabelecer as condições do armistício. Estas, portanto, não podiam cair com dureza sobre os militares profissionais alemães. Os lobos não temer por costume comecei uns aos outros. Preferem comer os cordeiros. Os cordeiros eram os novos alemães, assim como os da França, Grâ-Bretanha, Bélgica, etc. Por coincidência, os marchaços e almirantes aliados consentiram que os marchaços e almirantes alemães continuassem em paz a governar a marinha e o exército alemão. «No nobre ofício das armas, todos os profissionais são colegas, irmãos». O que teria sido fácil em Novembro de 1918, tornou-se impossível de realizar em Fevereiro de 1920, porque quinze longos meses se passaram, que modificaram estranhamente a situação. A revolução alemã foi momentaneamente vencida. Estabeleceu-se um governo quase estável. O espírito militar alemão recupera-se em virtude dos hábitos de obediência do povo para com os chefes. A reacção, o monarquismo, cobraram ânimo e parecem querer desfazer a democracia. Um processo de reacção parece estar a caminho de realização. Este processo foi, durante estes 15 meses, poderosamente auxiliado, pelos meios dos governantes da Entente, atemorizados com a ideia duma revolução iminente. Em grande parte, a reacção actual da Alemanha é o fruto da política dos aliados.

Ora, numa tal situação psíquica da Alemanha, os governantes aliados veem surgir a entrega de pessoas pretendidamente acusadas de violações das leis da guerra! Compreende-se o efeito que semelhante reclamação produziu num novo a caminho dum reacionamento conservador e militarista! Naturalmente, em primeiro lugar, deus-se estupefação, em seguida sobreveio a indignação. Longe e diminuiram, tanto o patriotismo como o militarismo tenderam a exacerbar-se. Longe de dissociar a Alemanha, as consequências foram transformá-la num bloco compacto e sólido. Em pouco tempo, o efeito dos pedidos dos aliados foi contrário aos fins que tinham em vista, ou que pelo menos parecia ser o seu objetivo: a desintegração e o enfraquecimento do poderio militar alemão. Os efeitos psicológicos da execução do artigo 228 avolumaram-se na Alemanha quando se tornaram conhecidos os nomes dos «acusados». Confesso não ter lido, nem um certo assombro. Palpei-me para ver se estava no uso das mesmas faculdades, tanto me pareceram monstruosamente idiota o pedido da entrega aos «inimigos» do conjunto do pessoal dirigente civil, militar e naval durante a guerra. Nunca qualquer homem sensato teria imaginado semelhante loucura. E, na verdade, necessário que a defesa do poder obscureça o entendimento e o raciocínio dos homens para os levar a semelhantes absurdos.

O absurdo cumpriu-se. Devemos encarar as suas consequências.

Ajustemos em primeiro lugar a ideia de que o governo alemão executará o artigo 228. Ele declarou que o não podia executar porque isso seria o desenrolar da guerra civil. E nisto fará cinquenta-pé. Apresentam-se, neste caso, duas hipóteses: 1.º Os aliados exigem a execução e empregam a força para a executar. 2.º Os aliados proclamam e aceitam um compromisso; 3.º Mantêm o pedido sem forcez a proclamar.

No primeiro caso, o governo alemão vê-se forçado ou à execução ou à desmissão. Escolherá esta última, conforme já preveniu os aliados. Nenhum governo da direita ou da esquerda se poderá formar e governar. Abrir-se-há um período de perturbações. A guerra civil, iniciada em Novembro de 1918 e soprada em 1919 pela repressão violenta de Nos, prosseguirá o seu caminho. No primeiro impeto, com certeza triunfará a reacção militar. A força lógica dos acontecimentos e das condições do seu triunfo arrastá-la-há à resistência activa contra os aliados, ou, por outras palavras, a uma nova guerra. Neste caso a sua derrota será tan rápida como certa. E os acontecimentos poderão descrever facilmente: nova revolução das massas populares com tendências bolchevistas muito nitidas.

O que deveria ter-se produzido em 1918-1919 sob uma forma atenuada, se o simples jogo das condições internas da Alemanha não se sobreponesse o factor dos governantes aliados, produzir-se-há em 1920-1921 dum forma exacerbada. Seja dúvida que os «acusados» serão «executados» pelos revolucionários, mas não entregues aos governantes aliados, quem sabe se a revolução não desencadeará a revolução no ocidente europeu? E provável que se peça intervenção da Sociedade das Nações, cujo tribunal, emanacão de toda a sociedade, seria chamado a julgar os acusados? O compromisso sobre estas bases impediria a guerra civil na Alemanha? Dividu, mas o que é certo é que a aliança dos militares e monarquistas alemães ficaria muito enfraquecida. Em todos os casos, o julgamento, a realizar-se em nome do Direito, será uma absolvia. A condenação só poderia obter-se no ponto de vista da defesa-própria. Mas será profundamente injusta, porque ficariam de fora e indenizadas, toda uma série de gentes conhecidas e os autores de actos análogos àqueles pelos quais os alemães estão condenados. Com um compromisso desta natureza, os governantes alemães ficariam desacreditados, conjuntamente com o seu tratado de Versalhes e com o próprio princípio do poder jurídico, que é uma das colunas sobre as quais repousa o actual edifício governamental.

No terceiro caso, os governantes aliados contentam-se em manter o seu perdão, sem exigir a sua execução. Limitar-se-há, neste caso, a manter a ocupação dos territórios da margem esquerda do Reno, até ao dia em que a clausura do artigo 228 seja posta em execução. Esta sancção é uma pura farça, feita para ludibriar as massas populares. Segundo o Tratado de Versalhes, a ocupação deve durar, em todas as circunstâncias, 15 anos. O prolongamento deste período, como punição da não entrega dos acusados, só poderia ser começado contando os 15 anos decorridos. Ora, daqui até lá, muita água há de correr antes que as pontes e muitas causas devem ter mudado. Duvido muito que o ocupante da margem esquerda do Reno dire este tempo todo. A revisão do Tratado de Versalhes é inevitável, como já o demonstrei no meu livro *A Conferência da Paz e a sua obra*. E não está muito longe esta revisão porque se aproxima o momento em que a política britânica, dirigida pelos trabalhistas, importa a direcção a toda a Europa.

Seja qual for a hipótese realizada, os governantes aliados cairão no risco de se inserção dum clausula que não pode ser executada.

Conseguiram, além disso, obter efeitos contrários aos que tinham em vista.

Como conservadores, na verdade auxiliaram o desenvolvimento do conservadorismo alemão, mas esqueceram que toda a medida tem um anverso e um reverso.

Portanto, por uma reacção subsequente, o revolucionarismo alemão desmoronou-se há com tanta maior força quanto mais poderoso tiver sido o militarismo alemão. O efeito é inevitável: é uma simples questão de tempo.

10 de Fevereiro de 1920.

Augusto Figueiredo.

Povo, vê isto!

Carlos Ramires dos Reis, administrador-delegado da Companhia Industrial Portuguesa e Colónias, é um dos magnatas negreiros da empresa, mais conhecida pela Companhia da Moagem, que aliás de vir, através de longos meses, roubando desardonadamente o pão, lhe fornece os produtos mais nobres à saúde, produtos que o povo se sente constrangido a meter no estômago, arredando mercê da ganância dos crioulos que estão incumbidos de vendê-lhe pão.

Este indivíduo foi residir há cerca de 15 anos para um prédio relativamente modesto, da Avenida da República, 26, 3.º direito, onde pagava por mês, a princípio, 365000, pagando agora 400000.

A sua vida era então modesta, tam pouco principeira que alguém que o conhece de longa data sabe que então, faltas de cobertores, ele e a família se cobriam com casacos, embora na rua se apresentasse com decúltica.

O antigo homem modesto está mais abjetos substâncias ao povo?

Hoje construindo um magnífico palácio nas Laranjeiras, na quinta dos Mil Flores, construção que é avaliada em mais de 200000\$00, com requiscitos cocheiros e amplas garages. O antigo homem parimônio espere de Inglaterra trens completos de cozinha em cobre, grandes serviços em porcelana inglesa, tapeçarias fastuosas e mobília para o palácio, apesar de ter em Lisboa quatro residências cheias de mobília antiga. O nosso informador — cujo nome virá a público, se for preciso — assegura-nos que se compra, sem exagero, em mais de 400000\$00 as despesas a fazer com a construção do palácio e seu recheio.

Perguntamos: Seria com o produto dum trabalho probó, aturado, que aquele magnate da moagem adquiriu a fortuna de que vai empregar uma parte na magnífica casa que para él está sendo construída? Ou essa fortuna não será a resultante dum infante exploradora exercida sobre o martirizado consumidor pela Moagem, de que él é um dos pilares e do fornecimento das mais objectivas substâncias ao povo?

Não te esqueças, camarada, de ceder a quantia correspondente a um dia do teu trabalho para a CASA DOS TRABALHADORES

NOTAS & IMPRESSÕES

Uma noite na Inquisição

Afinal, dei o dito por não dito e sem pre me resolvi a ir. Não vou contar-lhes os por menores maiores da enfadona e fatigante toilette que tive de fazer, porque isso não interessava ninguém, nem mesmo aqueles que levam a sua curiosidade ao ponto de pretendêr saber, no relato dum crime sensacional, quantos pares de piugas possuía o assassino e quantos sinais pretos tinha a vítima nas costas. E' sempre aborrecido ter reportagem dum toilette, mesmo nos romances, e eu não vou descrever aqui os tormentos que passei com a mobilização geral que nessa noite decretou chez moi, nem repetir-lhes as pragas que sempre escapam pelo laço que não aparece, pelas botas que temem pouco lustro, por um atacador que arrebentou no preciso momento em que se fazia mister conservar-se inteiro, uno e indivisível, pelo colarinho de goma que faz greve e teme em não querer deixar-se abotoar, pelo chapéu que está todo sujo, pela camisa que tem pouco polimento ou pelos punhos que ainda não vieram. Não, isto seria invadir as atribuições do reporter furibundo, que em tudo vê uma mira para a informação. Tampouco vou falar-lhes da Theodorin, da Darclée, do Boncy, do Mongini ou do Tita Rufo, porque isso está reservado aos novos críticos que os conhecem de ouvido. Basta saber-se que saí de casa, de tal geito encadernado que, estou absolutamente certo, faria córar de inveja o próprio Petrônio alcunhado pelos românticos de *Arbitrio das Elegâncias*, se ele pudesse ter a desgraça de me ver. As visinhas, para quem o meu apuro de indumentária era espectáculo inédito, chegaram às janelas como que adivinhando a minha saída, a noite horas, e os poucos garotos que ainda restavam na rua ficaram suspeitos, com os dedos no nariz, onde despreocupadamente procuravam burrões, vencidos com tamanho apremio da minha parte. «Vai casar» — disseram algumas. «A estas horas?» — avançaram outras. «Vai a algum baile de cerimónia?» — discordaram outras ainda. Afinal, vê-se a ver, fui a São Carlos.

Foi isto no sábado gordo e cantava-se o *Tristão e Isolda*. Duas coisas que até então não havia feito tiveram nessa noite o seu debute estrondoso: piez os tapetes escarlates do histórico teatro e mascarei-me, o que não é de estranhar se se atentará que estava na véspera de Carnaval. Faltaria a um dos mais sagrados deveses se não aparecesse em São Carlos mascarado, e foi o que aconteceu, não tendo, de resto, feito tanto rigor, a rigor, como outros espectadores, que por lá vi, demonstrando, até se meter pelos olhos dentro, que estavam tam batinhas a usar casaca como eu a comer falso. Antero de LIMA.

Em rigor, aquilo revela uma miséria muito para lastimar, mas que marca bem a fisionomia do século hipocrática em que se vive. Eu bem o advinhara e nada do que vi me deslumbrou, muito pelo contrário. E foi por isso mesmo que eu resolvi, de acordo com o meu travessero, não tomar lugar naquelas exibições de charlatanismo, porque dá sempre algum trabalho trocar a ganga e as botas rotas pelo fato que se estivessem na rua, e, para este desenfarrujar de língua, faziam substituir os maridos que charreteavam o intervalo pelos corredores, largando cada por dâ cá aquela palha, e rindo como salões em dia de arraial.

Em rigor, aquilo revela uma miséria muito para lastimar, mas que marca bem a fisionomia do século hipocrática em que se vive. Eu bem o advinhara e nada do que vi me deslumbrou, muito pelo contrário. E foi por isso mesmo que eu resolvi, de acordo com o meu travessero, não tomar lugar naquelas exibições de charlatanismo, porque dá sempre algum trabalho trocar a ganga e as botas rotas pelo fato que se estivessem na rua, e, para este desenfarrujar de língua, faziam substituir os maridos que charreteavam o intervalo pelos corredores, largando cada por dâ cá aquela palha, e rindo como salões em dia de arraial.

na consciência proletariana que tem dever indeclinável de atender às circunstâncias presentes do seu órgão, certo de que os trabalhadores conscientes se emprenharão, como o tem feito até aqui, na manutenção do valioso baluarte que constituiu uma das suas maiores aspirações, e que é hoje uma das mais valiosas armas do proletariado português, nas suas lutas contra a sociedade capitalista.

Comissão da Carris pró-Casa dos Trabalhadores

Reuniu esta comissão, resolvendo entre a classe a contribuição de 1 centavo semanal, a fim de obter receita para que o nosso jornal *A Batalha* não desapareça, missão de que foi incumbida esta Comissão, pela assembleia magna de 14 do corrente. Resolreu igualmente organizar uma festa, em breve, na sede do sindicato, cujo produto reverterá para o mesmo fim, e dos elementos que tomarem parte na referida festa, daí a alguns dias daremos os nomes bem como a organização da festa. A mesma comissão convocou todos os membros que fazem parte da referida comissão a comparecer no próximo dia 26, e os que não comparecerem serão excluídos excepto aqueles que justificarem a sua falta, da referida comissão, visto alguns não temem aíinda comparecendo a nenhuma das reuniões.

O kaiser

vai ter a sua ilha de Santa Hélène

PARIS, 21 — Segundo o *Petit Parisien*, a opinião pública holandesa mostra-se conforme com a sugestão dos aliados sobre a transferência de Guilherme II, para uma residência afastada. O governo mesmo teria estudado já a questão, reservando-se a liberdade dessa escolha. A transferência para as Indias holandesas não é de aconselhar visto a dificuldade de uma vigilância segura. O mais provável é que venha a ser evitada, uma das ilhas holandesas, principalmente, a de Veneza.

O Comité Confederal confia, pois,

RALHAM AS COMADRES . . .

A montureira alastrada

A alta finança e o jornalismo de balcão continuam a enlamear-se com denôô

Que é preciso? Uma espingarda? Não! Vassoura! Vassoura! Vassoura!

Não é que gastamos 3 centavos na aquisição dum massinho de cigarros fortes... .

A desvergonha máxima — A «alavanca do Progresso»

E as comadres continuam a ralhar nas colunas de quase todos os jornais de Lisboa, transformadas em indecentes soalheiros. De há muito que temos uma triste ideia da imprensa burguesa, dos seus processos e da sua moralidade. Mas nunca julgámos que se chegasse a este estado, a esta bandalheira, a esta desmoralização. Mente-se descaradamente, transforma-se o jornal no instrumento das mais audaciosas negociações. Eis ao que chegou «o mais alto basta» da liberdade; eis o estado em que se encontra a «alavanca do Progresso». Iá não há o recelo da opinião pública, a necessidade de manter um certo decoro. Há dois dias que se presencia um triste espetáculo. Dois bando de aventureiros deram dinheiro, muito dinheiro, despejaram nessa redacção sacos repletos de ouro e os que fazem de pena um modo de vida não hesitaram um momento em pôr as suas colunas ao dispor de tais traficantes do povo português, que só ambicionam lucros colossais, embora vendam a grosso ou a retalho o país, essa pátria do que se dizem tam amigos... E que polémica tam baixa! Que atoleiro! Nós nem temos nada com o caso, mas ao vermos esta porcaria a decorrer sentimo-nos incomodados. De tudo lancam mão os polemistas, nadam respeito, nem a própria família, agarram em parentes próximos, cobrindo-os de lama e arremessando-os do Capitólio da alta finança à Rocha Tarpeia da opinião pública. E depois mentem descaradamente, com um tal despejo que chega a irritar. «Querem um exemplo? Todos sabem a história de *O Século*, exceptuando o período em que esse jornal detinha com isenção um ideal, quando era dirigido por Magalhães Lima, tem sido sempre nô um jornal

cartas e uma roleta — Silva Graça de ter elevado a 1 conto, e que em disso, lhe devia ser entregue de pronto uma quantia nunca inferior a 40 contos. Insistiu o sr. José Rugeroni no pagamento das referidas quantias, depois de um dia de ação a favor do seu administrador, o sr. José da Silva Graça, e este, com um pedido de apoio, o qual não houve, fez o pagamento. Agora, que se sabe quase tudo, é lançar mãos à obra, o que é indispensável, o que não se deve demorar por muito tempo, porque a montureira empeta de tal forma o ambiente, que ameaça envenenar-nos por completo.

Entendimentos entre «O Século» e a Moagem — Muito pode o dinheiro!

No comunicado da Sociedade Estoril e na carta que publicou anteontem na maior parte dos jornais de Lisboa, acusou Fausto de Figueiredo — que tem por pseudónimo *Alavanca* — de ter pago 7 mil euros a um advogado e cartas e uma roleta — Silva Graça de ter recebido dinheiro dos *bataotes* para dizer acharne a escândalo do *jogo*, mas nunca pagou a 3500 contos.

Tudo o mais acusa a tribu Fausto, que se dizem tam amigos... E que polémica tam baixa! Que atoleiro! Nós nem temos nada com o caso, mas ao vermos esta porcaria a decorrer sentimo-nos incomodados. De tudo lancam mão os polemistas, nadam respeito, nem a própria família, agarram em parentes próximos, cobrindo-os de lama e arremessando-os do Capitólio da alta finança à Rocha Tarpeia da opinião pública.

O leitor, habituado a ler *O Século*, exceptuando o período em que esse jornal detinha com is

A ARTE PARA O POVO

O Teatro desmoralizador

A corrupção da sociedade reflecte-se no teatro. A tradução de obras de fantasia, o romantismo piegas e a revista desmorilizaram o povo.

Numa sociedade em que a desmoralização campeia, descendo das altas reuniões governamentais, através das classes, até se infiltrar no lar mais humilde, é extremamente difícil a qualquer pessoa, que por acaso tenha escapado à corrupção geral, encontrar uma peça que o não irrita, que o não revolte contra a lepra de tudo isto, que cada vez mais envolve os indivíduos.

Percorrem-se os cartazes, mal feitos colados a esmo pelas paredes sujas da cidade; procura-se avidamente nos anúncios que os jornais apresentam em grossas letras e não se encontra uma obra agradável que nos tente, nos arraste a um banco modesto da geral, na certeza de gosarmos alguns momentos de puras emoções geradoras, de bons sentimentos e bons costumes.

A revista, sempre a revista pornográfica, é exibida de preferência na maioria dos teatros. Quando não é a revista é qualquer pequinha romântica, armado cíadas as senhoras históricas, criando na mulher maneiras falsas de encarar a vida, impelindo-a para a prostituição reles, ou para a alta prostituição das que vendem o corpo em troca dum panelinhol do registro civil que lhe assegura as sedas, o bom jantar e o automóvel de luxo até ao final dos seus dias.

Outras vezes é a peça patriótica, incitando o homem ao ódio e ao homicídio, ao desprê pela vida alheia e pela sua própria vida.

Um indivíduo que tenha filhos não lhes pode proporcionar um divertimento sem correr o risco de as poluir. Não há obras que lhe deem um ensinamento só. Só a graca das revisteiros, os requiebros lúbricos das coristas, os desabafos mais nocivos do que o nô, que depressa desmoralizam a mais forte honestidade, que depressa apresentam à juventude a carreira de cortezia barata, seguida por tantas vitimas, só corrupção e impudor se vê por espalhados.

Uma parte das casas de espetáculo onde não se traz à cena, por sistema, a revista ou a velha peça romântica cultiva um outro género de teatro, não menos flagelador-a tradução. Tudo quanto houver de pior em França se traduz neste maladado país. Os dramaturgos, ôcos manufactureres dessas peças, não menos ôcos, que se representam nos teatros lamecas de Paris, escrevem mais para o teatro português do que propriamente para a cena francesa. Os Capus, os Bourget, os Pierre Wolf e tantos outros cultores da banalidade francesa, tem entrada franca nos nossos palcos e ainda a imprensa lhes tece largos elogios e reclamações como se se tratasse de verdadeiras aves raras. E' este género de teatro considerado em Portugal, como tudo quanto há de melhor.

De facto, as suas peças são finas, sôbrias e falsas. Falam dos amantes da marquesa e das horas do grande industrial; dos amores dos frequentadores de club e das infidelidades do bacarau; de prostituição de nobres caras e do roubo encasacado.

Assim, o freqüentador dos teatros da capital é enaltecido pelo pão das revistas, degenerado pela peça comumente romântica e enxovalhado pelas finas comédias francesas, porque todas elas pregam a baixezas de sentimentos, elogiam o mal e esquecem o bem para se vencer na vida.

Pouco a pouco, a sua moral passou a ser a moral do público. Os empresários rápidos começaram a explorar a ignorância e o mau gosto que infiltraram no povo. Os dramaturgos falfos viram ali a sua salvação monetária. Veio a época de ouro para os Felix Bermudes e para os Nascimento Fernandes. Os primeiros passaram a ganhar, com uma só peça, o que um bom e honesto dramaturgo não conseguiria adquirir com nua vida inteira de trabalho; os segundos são actualmente mais aplaudidos do que o Braço ou o Ferreira da Silva. Surgiu a miséria dos honrados, dos homens de valor incontestável e o luxo e a riqueza dos que sabiam unicamente aproveitar-se da ingenuidade pública. E muitos bons actores começaram, como Joaquim Costa, a espinotear nas revistas, dramaturgos razoáveis, como Schwabach, atraíram-se à obra de farsante.

O ambiente putrido está formado e ninguém tenta resistir-lhe. Nos lares, meninas educadas cantam o Fado do cílico ou o Saricô e, nas ruas, a garota assobia o Fado do Gangue. Os empresários esfregam as mãos de contentes e são nomeados para a direcção da Escola da Arte de Representar.

E' a crápula, a desmoralização do teatro a acompanhar a corrupção da imprensa, da política, do cinema, da literatura, da poesia, da caricatura, da pintura...

E assim que acabam as sociedades: pela falta de moral, de dignidade e de um ideal puro a guiar as ações dos indivíduos.

M. D.

Contra o edifício do "Século"

é arremessada uma bomba

Não há feridos - Prejuízos materiais - Três prisões

Ontem, pelas 22,15, foi a cidade alastrada por uma grande detonação, tendo circulado várias versões. Pouco depois sabemos que da cortina da calacada dos Caetanos, fôrte arremessada uma bomba contra o edifício do jornal O Século, não havendo desastres pessoais, mas consideráveis prejuízos materiais. No local juntou-se rapidamente avultado número de populares, tendo aparecido muitos empregados do Século armados de pistolas. A polícia efectuou três prisões por suspeita, no largo dos Inglezinhos. O café que existe na rua do Século, sofreu também prejuízos.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores", não te demoresem fazê-lo

Casa dos Trabalhadores

Pouco a pouco vai aumentando o perigo com que a comissão pró-Casa dos Trabalhadores conta assegurar a compra do edifício que servirá de sede aos organismos sindicais. Não sobre essa cotação a importância que todos nós desejariam, mas o facto é que as importâncias se vão sucedendo.

Porém, há muitos trabalhadores que ignoram as grandes vantagens morais e materiais que tal obra lhes pode proporcionar. Compete aos mais conscientes fazer uma propaganda activa no sentido de lhes fazer ver a beleza e as garantias que a aquisição da Casa dos Trabalhadores pode trazer. Aos mais conscientes compete auxiliar esta obra fazendo-a progredir, e quanto antes.

Nesta hora em que o mundo burguês tomba na lama das mais torpes ambigüezes, neste momento em que o mundo inteiro se debate nas maiores convulsões e que uma nova era de luz e de verdade surge, é necessário que todos os trabalhadores, cônscios do seu valor e da papel importantíssimo que temem desempenhar, é necessário, repetimos, que todos os trabalhadores se unam e organizem, coadiuvando todas as iniciativas que nos podem levar a uma sociedade mais pura do que esta que vai caindo.

Sindicato Único Metalúrgico

A comissão auxiliar pró-Casa dos Trabalhadores deste sindicato, participa a todos os metalúrgicos sócios e, não só os que se encontram hoje delegados desta comissão na sede deste sindicato, ruta da Esperança, 204, 2.º, e nas secções, das 13 a 17.

Tanoeiros de Lisboa

Aprovou uma proposta a fim de contribuir com 50000 para a Casa dos Trabalhadores.

Relação dos contribuintes

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa

Aladro Costa - José Gomes, pintor, 254; António Fonseca, carpinteiro, 240; António Marques, servente, 168; António Fonseca, pedreiro, 240; Raúl dos Santos, idem, 240; Clemente dos Santos, Bras, idem, 240; Silvino da Silva, servente, 168; Francisco Ferreira, pedreiro, 240; João Caetano, idem, 240; António Pires, idem, 240; Domingos dos Santos, Oliveira, servente, 168; João Antônio Figueiredo, carpinteiro, 240; Manuel da Silva, servente, 168; Manuel de Almeida, pedreiro, 240; António Juncal, carpinteiro, 240; António da Silva, servente, 168; Joaquim Custodio, Gomes, idem, 168; António Proácio, pedreiro, 240; Manuel Gordinho, servente, 168; Tomás Reis dos Santos, idem, 168; José Vieira, carpinteiro, 162; António Oliveira, pedreiro, 240; António Rodrigues, carpinteiro, 240; António Vaz, carpinteiro, 168; Joaquim Soares, idem, 168; Matias, idem, 168; Joaquim Nogueira, carpinteiro, 240; Alberto Soares, servente, 168; José Gomes, idem, 168; José Henrique, carpinteiro, 240; Manuel Maria Afonso, pintor, 240; António Rodrigues, servente, 168; Francisco dos Santos, Nunes, idem, 168; José Pires, carpinteiro, 240; Manuel Luis Pires, servente, 168; José Rodrigues Costa, pintor, 240; Augusto Branco, idem, 240; José Luis Nunes, carpinteiro, 240; José Francisco, carpinteiro, 240; António Gomes, carpinteiro, 168; José Maria de Oliveira, aparcilhador de carpinteiros, 240; António Lourenço, carpinteiro, 240; Ricardo dos Santos, idem, 240; Cipriano de Moura, idem, 240; José Ferreira, pedreiro, 240; António Vaz, carpinteiro, 240; António Pires, carpinteiro, 240; António Pires, carpinteiro, 240; António Rodrigues, aprendiz de carpinteiro, 240; António Coelho da Costa, carpinteiro, 240; José Ventura, idem, 240; Lopes Martins, servente, 168; António Lopes Pires, idem, 240; Manuel Pires, idem, 240. Total desta lista: 14560.

“O Tempo”

O Tempo é um jornal tam nojento como todos os outros que teme aceitar os comunicados pagos pela firma Fausto, Rei e outros charlatões do mesmo gênero. Ele, como todos os outros que se vendem a tanto por linha, não merece crédito nem consideração do público. Tem as colunas abertas à calunia, é sempre pronto a envenenar e ludibriar o público. Pois foi o Tempo que ontinuou a desmentir a sua honradez. Que é isto? É caso para que nós lhes respondamos: E' a podridão, é a abjeção de sentimentos, é o desmoronar ruidoso dum a sociedade de indivíduos sem moral, sem carácter, sem dignidade, como O Tempo.

Nesse mesmo artigo receia a honradíssimo Tempo que os elementos avançados temem alguma conspiração teórica para dar com a República em terra.

Realmente O Tempo tem razão para recuar que a república caia, porque não seria certamente num regime formado por indivíduos avançados que O Tempo poderia realizar as trapas e enganar o público de maneira a poder encher os seus cofres, fazendo chantage com as chantages que dia a dia a sociedade burguesa nos apresenta. Defenda, defende esta causa e com ardor, porque isto está por pouco. Mas escusa de inventar revoluções na forja. Fique descanhado, para que o actual estado de coisas baqueie não é preciso que os avançados agarrem uma vassoura e varram o lixo da república que defende, bastará meia dúzia de comunicados como os que vem publicando para que a sua república vá parar ao grano.

Festas operárias

A favor de “A Batalha”

Realiza-se amanhã como tem sido noticiado uma festa no Teatro Salão dos Anjos, a favor do coídeste grupo e do jornal A Batalha.

A parte dramática está a cargo do Grupo Recreativo “Os Regulares”, consistindo do seguinte: O drama em 3 actos, Golpe Mortal e a comédia em 1 acto, Hotel Motel.

Abriu-se este espectáculo no Grupo Dramático e Musical Solidariedade da Construção Civil.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na administração deste jornal.

A comissão pede a todos os camaradas que tenham bilhetes para vender, o favor de prestar contas hoje domingo às 15 horas na sede provisória, rua da Glória, 51, 2.º D.

Ladrão que rouba a ladrão...

A polícia de 1.ª secção, a cargo do chefe Murtinho, prendeu Francisco José Sant'Ana Alves, residente na Almada, por quem sendo empregado na casa “A Mercaria”, de São Vicente, Coimbra, pertencente a sr. António Castanheira de Moutinho, dali levou objectos e dinheiro, no valor de 6.339 escudos.

O arguido confessou o delito e deve ser hoje enviado para o tribunal, sendo de toda justiça que seja posto em liberdade, porque lá diz o ditado que “ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão”.

O conselho federal da Portugal Laborista Esperanto-Federacio, reúne na terça feira,

Os potentados

Binheiro a todos por um lado
Insufficiente de dinheiro por outros

Há, nesta escandalosa guerra entre os potentados da batota e da moralista e patriótica impresa, uma coisa, sobre tudo, que espanta. Não só é já a desvergonha de tantos e tantos escândalos não é já o desplante com que se confessam ao público os maiores crimes praticados por uns e outros, o que mais admira é a quantidade de dinheiro, as somas fabulosas que aí andam, nessas comunicados pagos; as colossais quantias em que elas falam, com o maior descarado e com a maior naturalidade. Das más duns para os dos outros, passam os contos de réis à dezenas, às centenas, para compra do silêncio e da cumplicidade nos assaltos ao estômagos do povo.

Coisa curiosa — uma das empresas empreendidas nessa colossal campanha que ora se levantou — a Companhia Industrial de Portugal e Colónias — deixou morrer de fome o seu pessoal, pagando-lhe miseravelmente e obrigando-o a trabalhar mais tempo do que o determinado pelo leiaute.

E' sintomático. O moralismo apregoados por eles na justificação dos seus negócios escuros, o amor ao povo a que desvergonhadamente chegaram a almejar, comece lá por casa, pelo seu pessoal. O esbanjamento de dinheiro, desses montes de ouro que eles não querem para si mas para a pátria, é simplesmente empregado para encobrir as rendosas e escusas negociações, não chega para remunerar dignamente o pessoal.

E' este curioso — uma das empresas empreendidas nessa colossal campanha que ora se levantou — a Companhia Industrial de Portugal e Colónias — deixou morrer de fome o seu pessoal, pagando-lhe miseravelmente e obrigando-o a trabalhar mais tempo do que o determinado pelo leiaute.

Hoje, devem ser entregues os sindicatos mais importantes de quetes por receber e encontrar-se há na sede a comissão encarregada de tomar nota dos grevistas que necessitem de auxílio o qual lhes será distribuído amanhã durante o dia.

Hoje, refinem os grevistas às 18 horas.

Pessoal da limpeza de caldeiras

O pessoal da limpeza de caldeiras de mar e terra continua resistindo às perseguições dos funcionários que se nem gamas a aceder às reclamações.

Manufactores de calçado

Continua no mesmo pé o movimento dos operários desta classe, que na reunião de ontem tomaram conhecimento de que os srs. Vítor Gomes e Pedro assumiram perante os seus operários e delegados da associação a responsabilidade de aceitar a tabela desde 1 de Fevereiro. Aceitou também a tabela o industrial Manuel Teixeira.

Hoje refinem os grevistas das casas Casimiro, às 11 horas; Albuquerque, às 13; Moura e Santos, às 12; Prado, às 17; Castela e Sousa, às 18. Convidam-se também os operários da casa Universo a reunir às 19 horas. A reunião magna é às 21 horas.

CONVOCACOES

Carpinteiros de Branco dos Transportes Marítimos

Prossegue esta greve, sem novidade, tendo a comissão tido uma entrevista com o director, nada ficando resolvido em vista da temosia do conselho. O pessoal reinado na sede do sindicato para apreciar as demandas da comissão, resolvem não procurar as entidades, a quem o assunto está adestrado e conservar-se em sessão permanente, até que as entidades a quem compete resolver o assunto, se dirijam ao respectivo sindicato.

Previnem-se por este meio mais uma vez, todos os camaradas carpinteiros, de que não devem prestar-se ao papel de traidores indo trabalhar para os Transportes Marítimos, em substituição daquelas que se encontram em greve.

Metalúrgicos e Carruageiros

do P. A. M.

Realizou-se ontem, como estava anunciado, uma entrevista com o ministro da guerra e os delegados dos sindicatos representantes do pessoal em greve. Nessa conferência mais uma vez ficou patente a intransigência do ministro e da direcção do P. A. M.

Na reunião do pessoal grevista, realizada às 16 horas, ficou deliberado boicotar o P. A. M. e ir trabalhar para outras oficinas que há dias veem solicitando esse pessoal.

Os sindicatos metalúrgicos e carruageiros lembram a todos os componentes destas classes o dever de solidariedade que deve existir neste caso e pedem para que ninguém vá trabalhar neste estabelecimento enquanto perdurar a greve.

Secção dos Serradores.

São avisados os serradores que pagam os bonus ao cobrador Joaquim Pedroso Castanho, que de hoje em diante o poderá fazer na rua Arco do Bandeira, 21.

Operários do Municipio.

Reúnem-se amanhã, na sede sindical, pelas 16 horas, os delegados das comissões sindicais das freguesias de Santa Isabel, Santo Estevão e S. José.

A esta reunião devem assistir os delegados da comissão de melhoramentos e a reunião a seguir, às 20 horas, para acomodar a estrutura do sindicato.

Sindicato Único das Classes Metalúrgicas.

Convida-se a reunir hoje, pelas 16 horas, os membros das comissões que compõem este sindicato, a reunir todas as quartas feiras, pelas 20 horas, juntamente com o conselho administrativo.

Operários do Municipio.

Reúnem-se amanhã, em assembleia geral, pelas 16 horas, os delegados do conselho e em especial dos camaradas delegados deste sindicato junto da C. G. I. e da U. S. O.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C. L.

Telf. fones (central) 2778 e 3478
gramas FerrameFerramental completo para todos os ofícios
Ferragens de todas as qualidades, chapa de ferro,
latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carros, vagões e todos os pertences de material
Decauville22, Largo de S. Julião, 23
70 Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7
LISBOA

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSÓRCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS, 49 — PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

Lanifícios e Alfaiataria

Acabam de receber um grande sortido de lanifícios para a próxima estação, vindos directamente das fábricas, e que vendemos a preços resumidos.

Há sempre fatos já feitos em todas as medidas, tanto para homens como para senhoras e crianças.

PEÇAM AMOSTRAS PARA CONFRONTO
306, Rua dos Fanqueiros, 310
Lisboa

"Garantia"

Companhia de seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SEDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES
(Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, alugueres de prédios, greves e tumultos (só em prédios e mobiliários), agravos, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

Os lucros realizados pelo nosso serviço de livraria são exclusivamente aplicados à propaganda. Auxilia-se A BATALHA, adquirindo, por intermédio da nossa administração, os livros e mais publicações de que se necessite.

Organizam-se e fornecem-se projectos e orçamentos de bibliotecas populares, cooperativistas, sindicais, etc.

A administração de A Batalha, desejando contribuir para o cultivo dos trabalhadores, propõe-se facultar-lhes os meios de instruir-se encorajando-os de forma a que todos os livros que lhe sejam pedidos e sucedam em breves a sua secção editorial.

A leitura é um dos meios de educação do proletariado e quanto maior for a capacidade de leitura entre os classes operadoras, mais próximos estarão os sistemas de conseguirem a emancipação que todos anelamos.

Por precearia que seja a sua situação económica, todo o trabalhador pode ilustrar-se desde que dedique, à aquisição de livros e folhetos educativos, aqueles centavos que não gasta no tabaco, na taberna e café, e em divertimentos que o envolvem e brilhantizam.

A reflexão dos nossos camaradas e amigos submetemos a circunstância de essa secção de livraria redundar em benefício de A Batalha, pois o desconto que a mesma faz aos seus leitores é sempre a favor da nossa administração que empregará todos os esforços para atender pontualmente todos os pedidos que lhe fazem de livros e folhetos.

A administração de A Batalha, desejando contribuir para o cultivo dos trabalhadores, propõe-se facultar-lhes os meios de instruir-se encorajando-os de forma a que todos os livros que lhe sejam pedidos e sucedam em breves a sua secção editorial.

Não esqueçam que os povos deserdados de serem ignorantes e tiranizados quando devem ser libertados.

A casas e gráficos editores, a administração previne que se encarrega da venda, a consignação, de todos os livros e folhetos que editem e cuja leitura possa ser recomendada por A Batalha.

Sociologia

A. J. Contente

AS VALENTEZ E PERAS
PARA A RÁPAZIADA

Disputam-se à pancada

Botas brancas a 97\$50 e 102\$50
Botas pretas 2 so-
lhas a 137\$50O nosso sortido
impõe-se. Venham ver! Venham ver!
Botas para hom-
em liquidam-se a 118\$00, 128\$00,
138\$00, 148\$00, 158\$00.Sapatos de peli-
cia para senhora a
78\$500, 98\$000, 108\$000, 118\$000.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE
16 — Largo de S. Roque — 17

SIFILIS

Grande assortimento de plantas para a cura da sifílis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contenas de poções se tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Preço, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21

Companhia de Papel
de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FÁBRICA toda a qualidade de papeis de em-
brulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro,
costaneiras, almaços, coquilles, escrita, impres-
são, assetinados, capas e carta, bem como
papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa — Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfândega, Porto — Tel. 2.192

A. J. Contente

33-Rua do Comércio-33

CAMBIO, PAPEIS DE CRÉ-
DITO, cônjuges e moedas na-
cional e estrangeiras, etc.

Fundição Tipográfica

"A Funtipo,"

P. Gini — Director Técnico

Instalações rápidas para jor-
nais e tipografias de luxo

Escritório e Depósito

R. Nova da Piedade, 60, 2.º-D.

22 Telefone C. 4329

CALÇADO

Ninguém compre!!!

Sem primeiro verem os preços da SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA

Botas para homem a 8\$50 — Sapatos bonitos a 7\$20 — Botas para rapaz a 26\$70

Sapatos verniz, saito Luis XV, a 12\$50

temos em existência 100 mil pares de calçado que vendemos por preços extraordinariamente baratinhos.

E' a casa que mais baixo vende

••• 18 — Rua dos Cavaleiros — 20 •••

••• 18 — Rua dos Cavaleiros — 20 •••

Obras de educação profissional, de ciencia, filosofia, sociologia e higiene.
Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista.
Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc

Serviço de livraria de A BATALHA

Lagardelle — Sindicalismo e Socialis-

mo

Landauer — A Social Democracia na

Alemanha

Leone — O sindicalismo

Malatesta —

A política parlamentar no movi-
mento socialista

Entrevista de eleições

O Programa socialista anarquista

revolutionário

Mark — O capital

Molinari — Problemas sociais

M. Pierrot — Sindicalismo e Revolu-
ção

Nietzsche —

O Capitalista

Como falava Zarathusa

Genealogia da moral

Naquet — A caminho da União livre

Nordau —

A mentira religiosa

As mentiras convencionais da nos-
sa civilização (2 vol.)

Pinto Quartim — Mocidade viva!

Prat —

A necessidade da associação

Sindicato e a sociedade

Raland — A Russia Nova

Rossi — A sugestão e as multidões

Russuiano — A escravidão da mulher

Timothéon — Não creio em Deus

Tolstoi —

A proxima revolução

A revolução moderna

O clero

O que é a religião?

O canto do cisne

Últimas palavras

Vanderwelde — O Coletivismo e a Evo-
ção Industrial

Varennes — O Terrorismo em França

A Sementeira

Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-
1917, com óptima e variada colabora-
ção, canções revolucionárias e com-
usicas, tradições populares, contos, an-
ecdotas, além de célebres 400 refe-
rições, fórmulas e conselhos. Um volu-
me de 384 páginas, sólido.

Moral anarquista

Os bastidores da guerra

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800